

# O Embate entre Religião e Ciência: uma análise ator-rede de duas reportagens do Fantástico

**Caio Cardoso de Queiroz**

Graduado de Comunicação Social / Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestrando em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia - PósCOM, bolsista CAPES.

**Resumo:** Pretende-se, a partir de uma abordagem ator-rede, analisar duas reportagens especiais do programa Fantástico, da TV Globo. Por meio da identificação e análise dos rastros deixados na formação das mensagens jornalísticas em questão, procura-se compreender os fluxos de referências utilizadas pelas reportagens sobre uma comunidade religiosa específica e sobre a prática do exorcismo. Para além da identificação e análise desses fluxos, procuramos também identificar os diversos modos de existência possíveis neste caso, para então refletir acerca do que Bruno Latour conceitua como erro de preposição da reportagem na leitura destes eventos.

**Palavras-chave:** Religião e ciência; Ator-rede; Jornalismo.

**Abstract:** From an actor-network approach, seeks to analyze two special stories of Fantástico, a program of TV Globo. Through the identification and analysis of the tracks left in the formation of journalistic messages in question, seeks to understand the chain of references used by reports of a specific religious community and the practice of exorcism. To Beyond of the identification and analysis of these chains of references, we also seek to identify the various possible modes of existence in this case and then reflect on what Bruno Latour defines as preposition mistakes in these stories.

**Keywords:** Religion and science; Actor-network; Journalism.

## 1 – Introdução

Para além dos acontecimentos com os quais lidamos diretamente, podemos manter contato também com dados de realidades que se distanciam física e/ou socialmente de nós, mas que podem integrar nossa gama de interesses. Tal contato pode ser feito, por exemplo, via redes sociais e também por outros meios de comunicação como jornais, revistas, rádio, televisão.

A partir de uma perspectiva na qual jornalismo é construção, produto de um caminho específico traçado pelos profissionais envolvidos em sua feitura, olhamos para as reportagens menos como mensagens finalizadas acerca de uma realidade, sobre os fatos em si, mas mais como uma narrativa àquele respeito. É de se destacar que “a pureza dos fatos é a pedra de toque das aspirações, tanto no campo científico, quanto no jornalístico. Por esta razão, revelar os fatos na sua nudez perfeitamente lógica e necessária é a essência mesma da missão purificadora de ‘dar ciência aos fatos’”. (Lemos, 2013:71)

A narrativa jornalística, no entanto, não surge de forma simples, pois goza da credibilidade dada aos produtos midiáticos e precisa instaurar maneiras de resistir às diferentes críticas. O discurso jornalístico se realiza por meio “da constituição de uma rede de referências em que diversas vozes afirmam, confirmam, referendam, explicam, uma única proposição de verdade”. (Lemos, 2013:83). O discurso em torno da realidade dos fatos e da proposta de verdade, preferencialmente a verdade científica, passa a ser aplicado em todas as temáticas cobertas pela prática jornalística.

Propomos então a análise de duas reportagens do programa Fantástico, da TV Globo. Nos baseamos na abordagem de temas relacionados a manifestações

específicas de âmbitos religiosos diversos nos programas de 22/06/2014 e no dia 27/07/2014. Aqui, por utilizar uma perspectiva ator-rede, não enxergamos o ator enquanto somente um agente humano e a rede como o suporte já criado para as ações.

Atores são actantes<sup>1</sup> – também os não-humanos – capazes de desencadear algum tipo de ação e, com isso, criar redes. As associações são feitas e refeitas durante todo o tempo, criando e recriando a realidade tal como a conhecemos, é por essa orientação de leitura que destacamos os principais actantes e as redes para a identificação dos principais modos de existência observáveis.

Não cabe aqui, no entanto, estabelecer uma discussão voltada aos aspectos de formação do jornalismo enquanto manifestação social. Com efeito, ficam claras as questões relativas a combinações entre modos de existência das organizações, dos hábitos fundamentais da rotina de produção dos jornalistas e mesmo do aspecto ético intrínseco à profissão, porém este artigo não explora essas especificidades. Voltamos a investigação para o conteúdo das matérias num ponto essencial de discussão no mundo dos modernos: o confronto entre ciência e religião na disputa por explicar o mundo.

202

## 2. A TAR

Utilizamos aqui as reflexões da Teoria Ator-Rede para a articulação da nossa investigação sobre o objeto escolhido. Lemos destaca que a TAR surge dedicada a ser uma sociologia da ciência, mas se expande, passando ser uma crítica da sociologia em geral. Ou seja, “a TAR surge mostrando como o social se constrói no próprio desenvolvimento das ciências e das técnicas. Não é possível separar questões econômicas, simbólicas, institucionais, jurídicas, das ditas ‘científicas’”. (Lemos, 2013:35)

Por isso nos dedicamos especialmente ao encontro das dinâmicas das associações formadoras das realidades que servirão de base para o conteúdo jornalístico. A partir da identificação simétrica geral; da análise dos movimentos dos agenciamentos e da distribuição das ações pelos diferentes atores, alcançar as noções mais recentemente desenvolvidas por Latour, a partir de E. Souriau: diferentes modos de existência. Assim, partimos da simetria generalizada e terminamos por dedicar atenção aos valores dessas ligações.

<sup>1</sup> Actantes são os detentores da força geradora de ação, aqueles seres (objetos humanos ou não-humanos) que levam outros seres a agir.

Para a TAR a rede não é a infraestrutura necessária à atuação dos diferentes atores, mas ela é o social formado pelos movimentos associativos em si mesmos. Ou seja, a rede “constitui o espaço e o tempo na mobilidade das traduções e na fixação das estabilizações e pontualizações” (Lemos, 2013:53,54). A identificação das inscrições, dos rastros deixados pelos diversos actantes na formação das redes são as controvérsias. A controvérsia “é o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações e o ‘social’ aparece antes de se congelar ou se estabilizar em caixas-pretas. A visibilidade da rede se dá nas controvérsias” (Lemos, 2013:55).

As reportagens, quando se propõem a mostrar, explicar ou revelar fenômenos que não estariam presentes na ordem do dia de muitos dos seus telespectadores, abre a caixa preta dos acontecimentos, busca demonstrar suas associações formadoras, procura referências externas para sua explicação e, se possível, retorná-lo à caixa preta.

A compreensão do social por meio das associações que o formam seriam feitos, na reportagem, por meio da visibilidade desses agenciamentos, integração de novas formas de entendimento com vistas a uma nova estabilização. Latour (2013:18) destaca que a ciência é, para os Modernos, a pedra de toque do conhecimento, o que explica a necessidade de o repórter convocar, de forma explícita e reiterada, “explicações científicas” para fenômenos religiosos misteriosos ou, ainda, “perdidos no tempo”. Ao aportar nas discussões entre os termos religiosos e científicos visíveis no conteúdo jornalístico em questão, chegamos também às discussões importantes acerca dos modos de existência.

## 3. Metalinguagem e Modos de existência

Antes de apontar os modos de existência em si, é necessário chegar aos aspectos que Bruno Latour (2013:18) chama de Metalinguagem. Por meio das noções de condições de felicidade e infelicidade; preposição; Duplo Clique e dos erros de categoria podemos entender de maneira mais ampla as propostas defendidas pelo filósofo e aplicadas às reportagens.

De início, Latour (2013:18) argumenta que os diferentes seres constituintes da realidade se misturam de forma complexa em modos de existência. A partir da identificação destes modos e da análise de conflitos entre pares de modos, ele estabelece a necessidade de pensar diplomaticamente as chamadas condições de felicidade e infelicidade e também encontrar as formas de falar corretamente para cada um destes. Com

isso, ele busca compreender o pensamento moderno e racionalista por uma via igualmente racional, que é de origem ligada ao projeto moderno, mas que não foi colocada em prática, na visão dele.

As noções de CONDIÇÕES DE FELICIDADE E INFELICIDADE, agora solidamente estabelecidas em nossas tradições intelectuais, tornam possível contrastar tipos muito diferentes de verificação sem reduzi-los a um único modelo. A dificuldade virá mais tarde, quando precisarmos ultrapassar a lingüística ou a versão da investigação da barreira da linguagem para tornar estes modos realidades mais substanciais (Latour, 2013:18. tradução nossa – destaque do autor).

Com isso, o filósofo busca superar uma leitura relativista e estabelece novos padrões para as reflexões em torno do discurso de verdade que a ciência adquiriu/produziu para si. Ele argumenta que as diferenças desses modos de leitura se devem a erros de categorias, de direcionamentos dos discursos, mal adaptados às condições de felicidade de cada um dos modos de existência dos modernos. No entanto, este pensamento tem pouca relação com uma aceitação forçosa e pós-moderna de toda formação cultural, sem atenção aos fatos e atos que superem a dimensão da linguagem.

A investigação dos modos de existência evita, portanto, “os erros ‘de sentido’, de direção, de lugar, topológicos. Latour (2013:48) ainda aponta que à medida em que descobrimos as chaves interpretativas utilizadas para compreender cada modo de existência, poderemos documentar os possíveis conflitos interpretativos. “O material bruto para este trabalho é, assim, um vasto gráfico nos quais ERROS DE CATEGORIA são identificados em pares” (2013:48).

Tais erros são, muitas vezes, causados pelo chamado Duplo Clique, uma tendência a categorizar o mundo entre polarizações que não compreendem tais modos de existência. Para evitar tais erros, a “noção de preposição aparece para qualificar as análises das redes [...]. Ela é um ‘modo’ introduzido para ‘pre-posicionar’ a leitura dos fenômenos, permitindo valorizar as traduções ampliando assim o conceito de rede”. (LE MOS, 2013:58)

Latour explica a escolha do termo preposição, de forma literal, “no sentido gramático, para marcar uma *tomada de posição que vem antes* da preposição ser indicada, determinando como a preposição deve ser apreendida, construindo assim sua chave interpretativa” (2013: 57, tradução nossa. Destaques do autor).

Procuramos compreender, no decorrer das análises

das reportagens, o fluxo das ações tomadas em ambas as matérias, os argumentos mobilizados pelos diferentes atores e observar se estes argumentos podem atender àquela condição de felicidade exigida, por exemplo, pelo modo de existência dos seres da religião e da ciência.

#### 4. Cartografia das reportagens – do método de análise ao produto

Para a exploração completa e descrição de todo o conteúdo passível de análise da reportagem, foi feito um “espelho” da matéria, de forma que se disponha em paralelo na folha de análise o texto e as descrições das imagens veiculadas. Assim, observa-se os rastros do repórter e de suas fontes, tanto no sentido textual quanto no sentido imagético. Ademais, realizamos uma descrição transversal para facilitar a leitura e evidenciar as linhas-guia de compreensão do conteúdo jornalístico veiculado.

Feito este trabalho podemos, enfim, observar o amálgama de situações e “seres” mobilizados em seus respectivos valores no intuito de identificar os dados relevantes, as medidas ali expressas. A partir daí pode-se olhar com clareza para as diferentes formas de se falar sobre os “modos de existência” e seus cruzamentos, destacados por Bruno Latour em sua antropologia dos modernos.

##### a) A comunidade religiosa versus os especialistas

A reportagem, com cerca de 15 minutos de duração, é chamada pelos apresentadores com um tom de investigação. O conteúdo tem início com uma retomada geral das principais propostas: Quebrar o silêncio de uma comunidade misteriosa no interior do país, apresentar sua matriarca reclusa, os indícios para um mundo intraterreno e falar sobre os rituais de cura que envolvem pirâmides de 400 kg que flutuam.

Situar o público é o primeiro movimento realizado pelo repórter, apresentando imagens abertas da serra onde está localizado o parque místico consegue-se visualizar de modo claro qual é o tipo de cenário onde a ação reportada deve se desenvolver. Até então, tudo é apresentado como fator de influência/influenciador do misticismo que paira no local.

As imagens, a música de fundo e o texto do repórter acrescentam estes itens para, além de apresentar o local de forma direta, ambientar o público a uma situação de suspense. O primeiro personagem é o bispo gnóstico Cláudio Carone, economista que deixou a vida em São Paulo para se dedicar à vida religiosa.

Ele já fala das crenças do grupo e, tendo esta mediação entre os seres da superfície e de um mundo dentro da terra como gancho, já se passa à apresentação de mais uma personagem: a líder religiosa, que vive num castelo de sete torres na comunidade.

A explicação que ela dá para ter tomado a decisão de divulgar sua comunidade tem a ver com ordens de um mestre. Ela os leva, então, a conhecer uma caverna e explica como é capaz de ouvir as ordens deste mundo intraterreno. O repórter destaca o comando que a líder tem sobre a comunidade, sendo a única capaz de entrar em contato com o mestre e aquela que comanda as entradas e saídas de pessoas na caverna, por um chamado “bolsão” de ar entre os dois mundos.

Apresentados os cenários e personagens principais na condução dos fatos que o repórter evidenciará na matéria, parte-se para a identificação de quem são as pessoas que integram a comunidade, quem são os diversos pacientes/fiéis de Deusinha. A comunidade criou uma empresa, responsável por vender pacotes turísticos para o local. É mostrada uma prévia do ritual, em que Deusinha faz uma triagem dos que lá estão, embora não se explique a função deste processo para os ritos ou para a reportagem.

204 O destacado é a maneira pela qual o diagnóstico das pessoas é feito: com o toque, o Mestre sopraria o diagnóstico no ouvido da líder. Uma das duas pacientes mostradas na matéria, Ângela, relata ter câncer e frequentar o Santuário há cinco anos com autorização do médico oncologista. Ela ainda diz que, de alguma forma, o médico espera ter uma “ajuda” dos espíritos aos quais ela se consultaria no Santuário.

À luz de velas, pessoas de branco fazem uma procissão até a caverna e toda a vibração de cura deverá ocorrer. O atendimento a cada um dos pacientes começa a ser mostrado, Deusinha convida o repórter a participar. Duas médicas – uma geriatra e uma cirurgiã – que acompanham o processo atestam que parte do material surgido no ritual de toque é tecido humano e Deusinha explica que aquelas são células que poderiam se tornar células cancerígenas.

Não há, no entanto, clareza quanto a origem dessas profissionais: se teriam sido levadas pelo programa ou se fazem parte dos participantes da cerimônia como membros da comunidade. O repórter pede a um membro da comunidade para levar o material para se fazer biópsia. O pedido é negado em razão de, segundo o entrevistado, a biópsia se configurar uma dúvida a ser provada daquilo que foi mostrado pelos mestres.

A reportagem recorre neste a um oncologista, que

explica que seria muito interessante uma análise do material, pois do ponto de vista científico, não há nada que justifique que seja possível fazer uma cirurgia sem bisturi, sem anestesia, e que ela seja eficaz. Ainda na temática médica, o repórter destaca que alguns pacientes são tratados de forma mais impressionante, por meio das vibrações de pirâmides de metal com mais de 400 Kg que flutuam. O grande mistério mobilizado pela reportagem é apresentado de todos os ângulos. Um dos homens da comunidade explica que ela fica erguida devido a um campo magnético forte, vindo da terra.

Para efeitos de teste, retiram-se duas hastes de metal de um lado, que teriam a função de mantê-la numa mesma posição e impediria que a pirâmide girasse. Logo após a retirada, quando o repórter força mais um dos lados da pirâmide, ela acaba por ceder. O encarregado pela estrutura explica que pessoas doentes são curadas pela vibração da pirâmide, pois o campo magnético da terra funciona como uma radioterapia natural.

Aparece então o presidente da Sociedade Brasileira de Radioterapia para alertar que se o processo fosse de fato radioterápico haveria complicações sérias de saúde naqueles que convivem naquele lugar. Além disso, o material é levado até um professor de física da Universidade de Brasília cuja argumentação vai de encontro às explicações fornecidas pelos religiosos. Ele afirma que, caso a força magnética da pirâmide realmente fosse alta, as pessoas seriam repelidas por ela e os materiais metálicos, por exemplo, seriam atraídos.

Para finalizar, o professor ainda aponta que a pirâmide flutua devido a um “truque” com ímãs colocados na pirâmide, no solo e nas hastes. Ele simula, em maquete, o experimento que faria comprovar sua explicação. O jornalista pede autorização à comunidade para levar o físico até as pirâmides, mas isso é recusado e, em e-mail, o representante da comunidade explica que *respeita a ciência atual*, mas que as informações sobre as pirâmides são mais complexas do que se poderia revelar.

Com esta dúvida, o repórter finaliza a matéria argumentando que mesmo alguns dos praticantes reconhecem a estranheza de algumas práticas. Como exemplo ele destaca o Arcano, prática de retenção da energia sexual que, segundo o bispo Carone, tem efeitos de rejuvenescimento.

Além da falta de uma ligação clara destas práticas com as posturas religiosas com o grupo, uma sexóloga dá ares de incerteza científica sobre as informações, afirmando não ser possível confirmar cientifi-

camente nada daquilo. Ou seja, a este ponto, mesmo as divisas entre o científico e o religioso deixam de fazer efeito à medida em que o que é mostrado não tem ligação evidente com nenhum destes modos, sendo considerado mais diretamente uma fraude.

#### **b) Padres explicam o ritual do exorcismo**

A reportagem é introduzida por uma apresentação de personagens considerados exóticos - Padres Exorcistas – que “explicam” os fenômenos de pessoas possuídas por demônios, com a ressalva de que haverá também em consideração “o que a ciência pensa disso”. A matéria tem início com gritos de uma mulher, não identificada, no local onde um dos padres realiza o ritual.

O primeiro padre, de Brasília, é apresentado, como aquele que tem autorização expressa para realizar exorcismos. Em seguida se apresenta outro pároco, de Fortaleza, também dedicado ao estudo e salvação de pessoas afligidas por possessões demoníacas. Ambos são perguntados sobre suas funções e, ao mesmo tempo, em algum grau de pessoalidade, respondem a perguntas relacionadas a tentações e medidas de proteção que eles tomam para si.

Delinea-se também o público para quem estes padres falam, como exemplo, utiliza-se o sacerdote, de Brasília, em duas igrejas: a primeira, onde o padre faz suas pregações, uma em área nobre, e outra de pessoas mais simples, onde o processo se repete. Ele explica que nem tudo que ocorre nas celebrações é exorcismo, mas que se trata de orações de libertação daquelas pessoas, oprimidas por um poder diabólico.

A Associação Brasileira de Psiquiatria é a primeira especialista de fora do meio religioso. Um médico aponta o fenômeno como um estado dissociativo de identidade, caracterizado por um descontrole emocional e semelhante a todas as pessoas que estão juntas naquele lugar, anteriormente tratado como Histeria Coletiva. Ele complementa que este estado das pessoas seria conduzido por uma pessoa, o padre.

O padre explica não trabalhar por meios teóricos, mas com uma realidade de seres humano que oprimidos. A reportagem acompanha, somente com o cinegrafista, dois atendimentos do pároco brasileiro. Não se identifica os atendidos, que não seriam exorcizados, mas passariam por um combate a ações do demônio. Em uma segunda psiquiatra, mestre em neuropsiquiatria, fala sobre os casos.

Ela explica haver um aspecto real de sofrimento físico e mental naquelas pessoas, ajudadas por uma pessoa, novamente o padre. Ele é o responsável por aliviar um sofrimento eminentemente psicológico

mimetizado em manifestações físicas, vistas como aspectos demoníacos. Esta leitura é diferente da apresentada anteriormente por apontar um sofrimento específico da pessoa e o padre na função de auxílio àquelas pessoas, mais do que o condutor de um processo dissociativo. Tal perspectiva se alia mais à fala do padre, quanto às manifestações reais das pessoas, sem perder de vista o viés psicopatológico.

Um antropólogo aponta que os rituais de expulsão de demônios não são próprios da Igreja Católica, mas do pensamento Cristão, baseado no poder da palavra. A reportagem introduz um trecho de explicação na qual o Papa Francisco reafirma a existência do diabo enquanto mundanidade, que se opõe à confissão temente a Deus.

O repórter expõe dados com relação à escolha e nomeação de padres exorcistas e a quantidade desses padres no Brasil, afirmando não existir informações oficiais a respeito. Como resultado, muitos padres, como um dos entrevistados, não são oficialmente exorcistas, apesar de conhecerem os rituais. Um dos párocos entrevistados, exorcista não-oficial, relata a necessidade de se separar situações de possessão demoníaca de outras, ressaltando a compreensão da existência da tentação do Demônio, que não pode ser vulgarizada. O repórter traz um dado curioso, de possessão de objetos, explicando não haver somente 205 casos ligados a pessoas. O caso é ilustrado pelo padre, que chega a fazer piada com a situação, mas não explica como o processo aconteceria.

Um terceiro padre, do Rio de Janeiro, oficialmente nomeado exorcista pelo Vaticano é apresentado. Ele expõe os objetos que integram o ritual: óleo, cruz, água benta e a vestimenta. Em seguida apresenta o relato de um atendimento de sucesso, ele também explica que a Igreja considera raros os casos em que há a necessidade de exorcismo.

Uma dona de casa chamada Dercília é apresentada em sua família, com o marido e a filha, que relatam as experiências com a mulher, aparentemente fora de controle. Dercília é a última a falar, ainda que sem se lembrar bem dos acontecimentos. Um representante da Sociedade Brasileira de Psicologia argumenta que a psicologia clínica documenta diversos casos de distúrbios dissociativos e psicóticos confundidos com casos de possessão. Não se explora, no entanto, se essa “confusão” pode ser lida como um reconhecimento dos casos de possessão ou se está colocada em função de uma tomada de posição errada.

Em seguida, para encerrar a reportagem, o segundo padre entrevistado contesta psiquiatras, psicólogos e também outros sacerdotes que desacreditam

rituais de exorcismo por, segundo ele, não estarem presentes em sessões do ritual.

## 5. Discussão

A partir das reportagens, observamos os modos de existência destacados por Latour. Os seres da Religião [rel] ficam evidentes como centro das explorações jornalísticas: Tanto aquela que busca expor os rituais de uma comunidade mística, quanto aquele relacionado a um ritual católico “que parecia perdido no tempo”. A reiteração de seres da Metamorfose [met] em sua relação com o religioso foi outra constante necessária de se observar para a discussão.

Podemos notar a lógica científica em jogo, pois a ciência poderá ser lida como o modo dos de seres da Referência [ref]. Ela seria, segundo Latour, aquilo que nos permite acessar por meio de cadeias de referências o que está distante de nós. Essas cadeias de referências são “definidas pelo hiato entre duas formas diferentes de natureza e cuja condição de felicidade consiste na descoberta de uma constante que é mantida através dos abismos sucessivos” (Latour, 2013:92).

A necessidade de reafirmação, identificação de padrões repetitivos em cadeias de referências e da resistência a testes constantes é o que forma a ciência e autoriza os modernos a confiar de modo tão direto nesta. Isso é realizado pelo repórter na primeira reportagem destacada neste trabalho. Os relatos daquelas pessoas envolvidas – o testemunho – a filmagem, a presença do repórter e as imagens, mesmo quando ele é convocado a participar da ação não são suficientes para confirmar o princípio científico que a comunidade alega ter. A existência daqueles seres precisa ser testada, repetida e somente então confirmada. Chama a atenção que, neste caso, a afirmação de duas médicas presentes ao ritual também passou por checagem.

Ou seja, como o material resultante das intervenções ritualísticas não pôde ser testado, analisado e provado por meio dos processos do modo científico e seu acesso [rep-ref], fica lançada a dúvida sobre aqueles materiais.

Outro exemplo deste posicionamento fica evidente nas considerações a respeito das pirâmides de metal. A dúvida constante sobre a explicação oficial sobre o que as faria flutuar passa pelos testes que o repórter realiza primeiramente nas pirâmides e, depois, numa situação de laboratório. Um físico trazido pela reportagem apresenta suas hipóteses que, diante da negativa do teste no local, a ilustra em escala me-

nor (maquete), repetindo alguns resultados aparentes, sendo reforçado por outros argumentos de fundo médico.

A negativa de realização de mais testes ou ao fornecimento de provas externas à própria comunidade funciona como um argumento importante, pois faz confirmar o aspecto de mistério envolvendo a comunidade e atua como uma forma de desautorização da postura de cientificidade das explicações apresentadas pela líder da comunidade.

Quando Latour explica diferenças entre modos de existência da religião e da ciência, ele aponta que “curar não é salvar” (2013:304. Tradução nossa.), porém isso não exclui a possibilidade de “que os mesmos lugares, os mesmos sacerdotes, os mesmos rituais, os mesmos passes não possam servir às duas propostas. Basta entrar em um santuário: Sentimos que as pessoas frequentemente vão àqueles locais em busca tanto de cura quanto de salvação”.

A comunidade pode ser vista, portanto como o local onde as pessoas buscam encontrar sua salvação, sem que isso seja necessariamente a sua cura. Com a personagem Ângela, autorizada pelos modos científicos a aderir ao tratamento alternativo, este caráter ganha demonstração. A condição para ela poder buscar a comunidade religiosa para melhorar seu quadro de saúde é que ela não abra mão do tratamento convencional. A entrevistada relata ainda o apelo de “ajuda” que o médico faz aos espíritos da comunidade.

O corpo da outra reportagem tem abordagem científica diferente, pois propõe deixar que os próprios padres que realizam rituais de exorcismo narrem suas atividades, o que reduz consideravelmente a necessidade de se incluir “o que a ciência pensa disso” de uma maneira direta. Podemos dizer então que os dados mais científicos vêm daquele modo dos seres da Metamorfose [met]. Eles se aproximam dos seres da Referência [ref], porém não encontram lugar claro no chamado “mundo material”, pois são elaborados em outro tipo de ambiente e não seria encontrado em outro ambiente “exceto através do intermédio da PSICOLOGIA. Não devemos olhar para fora, mas para dentro, para dentro da mente, mesmo dentro do cérebro” (Latour, 2013:184. Tradução nossa. Destaque do autor).

Ainda segundo Latour, “de fato, vamos descobrir que a psicologia desempenha o mesmo papel entre os Modernos que a epistemologia, mas de forma inversa: enquanto esta exagerou o mundo exterior, aquela exagerou o mundo interior” (2013:185. Tradução nossa). Ou seja, para os Modernos, a psicologia desempenha o papel mais científico possível

dentro daquilo que não encontra matéria, mas que atinge e mobiliza a mente. Como a epistemologia é o caminho para o acesso aos dados do mundo, a psicologia se tornaria o caminho para acesso aos dados da mente.

Por isso, o caminho que a reportagem toma é um cruzamento entre seres da Religião e da Metamorfose. Na medida em que os psicólogos tomam o estado de possessão por, primeiro, um estado dissociativo e, segundo, uma mimetização, ambos apontam, olhando para dentro da mente, e mesmo do cérebro das pessoas, que elas estariam numa situação de projeção de fragilidades emocionais sobre o mundo e sobre o seu corpo.

As manifestações passíveis de serem explicadas por meio de seres da Metamorfose têm sido, portanto, constantemente associadas à explicação (moderna) que a Psicologia provê. Porém há algumas observações importantes que diferenciam os seres nos cruzamentos de [met-rel]: “Como os seres da metamorfose, os seres da religião pertencem a um gênero suscetível a ser ligado e desligado” (Latour, 2013:308. Tradução nossa). Esta semelhança já traz em si a diferença entre eles, “uma das características dos seres religiosos é que *nem a sua aparência, nem seu desaparecimento pode ser controlado*” (Latour, 2012:309. Tradução nossa. Destaques do autor).

Os seres do modo religioso são específicos, diferentes do que a explicação psicológica poderia dar. Além daquilo que já destacamos, de poderem aparecer e desaparecer (“ligados e desligados”) Latour aponta que estes seres precisam de “condições de felicidade particularmente exigentes uma vez que definem uma forma de subsistência, que não se baseia em nenhuma substância, mas que se caracteriza por uma alteração que lhe é peculiar: “a hora chegou” e por sua própria forma de verificação (2013:295. Tradução nossa).

Outro ponto consideravelmente diferente, segundo o autor, é que quando se lida com os seres da religião, a iniciativa, a direção e os tipos de contato são ainda menos exatos do que os outros. Estes seres, tão antigos quanto possível, têm uma força considerável na palavra. É por meio da Palavra que eles se mostram, se impõem e fazem demonstrar suas possibilidades de ação.

O que importa para eles (seres da Religião), aparentemente, é que ninguém nunca está realmente *seguro* de sua presença; é preciso passar pelo processo de novo e de novo a ser bastante confiante de que os viu, sentiu-os, orou para eles. Outra diferença da metamorfose: com seres religiosos, a iniciativa *vem deles*, e nós so-

mos realmente o que eles estão mirando. Eles nunca estão errados sobre nós, mesmo que constantemente corramos o risco de estar enganados sobre eles; eles nunca nos tomam “para outros”, mas nos convidam a viver *em outro* - totalmente diferente - *caminho*. Isto é o que é chamado, com precisão suficiente, uma “conversão”. (Latour, 2013:309. Tradução nossa. Destaques do autor)

Um antropólogo ouvido na segunda reportagem destaca o poder que a Palavra tem sobre aquelas pessoas, dispensando uma reflexão acerca dos motivos pelos quais as pessoas estão ali, mas observando o poder que os seres da religião têm sobre elas.

Em suma, o teor geral da primeira reportagem é de constante refutação dos argumentos científicos mobilizados pela comunidade, colocando-a numa região de fronteira entre o que é considerado místico, e o potencialmente falacioso na medida em que não se pôde realizar nenhum teste a mais com os resultados daquilo que foi mostrado.

Reiterados pelos diferentes cientistas, a colocação central de suas opiniões sobre o que lhes era apresentado se limitava ao “não há como realizar a comprovação científica deste fato”. Ainda a reprodução da hipótese científica sobre o que a reportagem apresenta como sendo o maior dos mistérios da comunidade, referente às pirâmides, em maquete, conduz ainda mais para uma sensação de suspensão dos argumentos então mostrados. 207

No segundo caso, a atenção a seres religiosos é menos rebatida, cientificamente. A oferta de argumentos dos padres evolui quando eles são apresentados, demonstram seu trabalho em locais e de maneiras diferentes, sendo apoiado por falas de respaldo, como do sumo pontífice da Igreja Católica, o Papa Francisco. O argumento científico também evolui, oferecendo uma primeira explicação de estado dissociativo conduzido pelo padre. Este argumento é refutado pelo próprio sacerdote e retomado quando outra especialista levanta a hipótese de as pessoas manifestarem emoções fisicamente e de o padre desempenhar o papel de apoiador no processo. Afixada esta hipótese, não há exatamente uma réplica, mas a exemplificação com personagens e a alegação de que aqueles que presenciam um ritual de exorcismo passam a acreditar na sua força.

## 6. Conclusão

Nos dois casos, levantamos questionamentos relativos às preposições [pre] escolhidas pela reportagem ao determinar os locais de fala relativos aos modos de

existência mobilizados. Quando o objetivo é oferecer um relato sobre a comunidade mística, um pré-posicionamento científico pode ser justificado inclusive pela adoção de propósitos médicos e científicos pela própria comunidade. A exigência de um posicionamento mais claro, presente em muitos entendimentos proporcionados pela organização do mundo pelo Duplo Clique (religioso ou científico) é o que acaba por direcionar o posicionamento da reportagem.

Ou seja, o discurso em parte religioso (preso a uma ajuda de seres especiais por meio de uma liderança espiritual) e parte científico (promessa de cura via radioterapia, por exemplo), tende a confundir o raciocínio levado a cabo pela matéria. Enquanto a própria comunidade não coloca seu discurso mais predominantemente num dos modos, a escolha da reportagem é pelo desmonte de possíveis fraudes científicas e pelo não questionamento de posicionamentos estritamente religiosos.

Para um posicionamento referente a rituais pertencentes à história da Igreja Católica, no entanto, a proposta Moderna é mais clara, se valendo de uma explicação psicológica de tais fenômenos. Mesmo com a evolução de tais explicações, quando elas se aprofundam e tendem a não recusar sistematicamente a lógica religiosa, ainda se mantém uma diferença clara sobre o que ambas abordagens tomam para si.

Quando se voltam para a explicação de fenômenos religiosos por meio de leituras psicológicas, pode-se dizer que há um erro de categoria, dado que se toma um tipo de ser [rel] por outro [met]. Esta tentativa de leitura, no entanto, não é direta em todo o corpo da reportagem, pois sequer há uma tentativa de documentar tais casos apresentados pela ciência ou de busca entender a fundo como a psicologia os explicaria.

Com a apresentação de ambos argumentos, psicológico e religioso, ficam num mesmo patamar, não se firmam as condições de felicidade para a existência e para a compreensão de nenhum dos dois, já que não se exploram os limites que ambas as explicações teriam.

## Referências

ALSINA, M. R. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, B. *An Inquiry into Modes of Existence: An anthropology of the moderns*. Cambridge, Massachusetts:

Harvard University Press, 2013.

LEMOS, A. *A comunicação das coisas*. São Paulo: Annablume, 2013.

VENTURINI, T. *Diving in Magma: How to explore controversies with Actor-Network Theory*. Disponível em: <[http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso\\_venturini/Diving\\_in\\_Magma.pdf](http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/Diving_in_Magma.pdf)>. Acesso em 21 ago. 2014.

[Artigo recebido em 14 de maio de 2015 e aprovado em 28 de junho de 2015 ]